



Coleção
A Candeeira

Apresentação

É com grande satisfação que apresentamos a vocês a coleção “A Candeia”, uma extraordinária série de livros didáticos católicos que tem como objetivo principal formar os alunos como verdadeiras luzes para o mundo. Acreditamos que a educação seja uma ferramenta poderosa para transmitir conhecimento e valores, e a coleção Candeia é o resultado dessa convicção.

A palavra “Candeia” tem uma simbologia especial, pois faz referência ao trecho bíblico em que Nosso Senhor Jesus Cristo diz: “Ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo do alqueire. Pelo contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa” (Mateus 5, 15). Esta metáfora representa a missão da coleção Candeia: despertar a luz interior de cada estudante, capacitando-o a iluminar o mundo ao seu redor com sabedoria, bondade e virtude, e a transmitir a Verdade.

Os livros da coleção Candeia foram desenvolvidos com base em um rigoroso processo de pesquisa e planejamento, combinando conteúdo acadêmico sólido com uma perspectiva católica autêntica, com base no realismo tomista.

O realismo tomista é um método filosófico e educacional que se baseia nas ideias do filósofo e teólogo medieval Santo Tomás de Aquino. Este método busca fornecer aos estudantes uma compreensão profunda e abrangente do conhecimento, unindo fé e razão. Através deste método, os alunos são encorajados a explorar a realidade objetiva e a buscar a verdade por meio da observação cuidadosa, da análise racional e da reflexão crítica. O realismo tomista destaca a importância de uma educação sólida e equilibrada, que valorize tanto a dimensão intelectual quanto a moral, preparando os estudantes para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo com sabedoria e discernimento.

Com uma abordagem interdisciplinar, os livros abrangem áreas como ensino religioso, língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia, sempre permeadas por princípios e ensinamentos da fé católica.

Agradecemos a oportunidade de apresentar a coleção “A Candeia” e convidamos todos vocês a embarcar nesta jornada de formação integral, para que se tornem verdadeiras luzes para o mundo.

Introdução

A coleção Candeia de História foi desenvolvida especialmente para adolescentes de 11 a 14 anos de idade. Por isso, foram elaborados um ordenamento e uma graduação de dificuldades adequados a esta faixa etária. Todos os exercícios propostos foram estruturados de forma dinâmica e harmoniosa, levando em consideração as capacidades motoras que as crianças já adquiriram até esta idade.

Neste material, mergulharemos em uma jornada de descobertas, explorando diferentes épocas, eventos e figuras históricas. Mas, antes de começarmos, é importante compreender a base em que a disciplina histórica se apoia.

A história é uma parte integrante da experiência humana e está intrinsecamente ligada à ação de Deus na criação e na redenção. A história é o registro dos eventos passados que revelam a vontade divina e o plano providencial de Deus para a humanidade.

A história não é apenas uma narrativa de eventos, mas também uma disciplina que busca compreender a ação divina na vida humana. Além disso, destaca-se a importância da razão e da investigação intelectual na compreensão da história. A razão humana pode discernir a verdade e a ordem dos eventos históricos, porém sempre reconhecendo a dependência da revelação divina.

Usaremos como metodologia o realismo tomista. O realismo tomista é uma corrente filosófica que se baseia nos ensinamentos de Santo Tomás de Aquino. Aplicado à história, o realismo tomista oferece uma abordagem que valoriza a busca da verdade objetiva e a compreensão das realidades históricas em sua plenitude.

Para aplicar o realismo tomista na história, é necessário considerar os seguintes aspectos:

Busca da verdade: o realismo tomista enfatiza a importância de buscar a verdade objetiva nos eventos históricos. Isso implica analisar fontes confiáveis, avaliar diferentes perspectivas e utilizar métodos de pesquisa histórica.

Reconhecimento da natureza humana: o realismo tomista considera a natureza humana como um fator central na compreensão da história. Isso envolve entender as motivações, as ações e as ideias dos grupos ao longo do tempo, reconhecendo a complexidade e a diversidade da experiência humana.

Contextualização histórica: o realismo tomista valoriza a compreensão dos eventos históricos dentro de seu contexto temporal e cultural. Isso implica levar em conta as influências sociais, políticas, econômicas e culturais que moldaram as ações e as decisões dos indivíduos e dos grupos.

Visão teleológica: o realismo tomista considera que a história possui um propósito e uma direção, os quais estão alinhados com a vontade divina. Isso implica uma perspectiva teleológica, em que se busca identificar os fins últimos e os valores transcendentais presentes nos eventos históricos.

Interdisciplinaridade: o realismo tomista encoraja a abordagem interdisciplinar da história, buscando diálogos com outras áreas do conhecimento, como filosofia, teologia, sociologia e ciências políticas. Isso enriquece a compreensão dos eventos históricos, ao incorporar diferentes perspectivas e diferentes métodos de investigação.

Como organizamos este livro?

Este livro será organizado em lições, de forma que cada lição contenha exatamente o que seu filho precisa aprender em um dia de estudos. Ao todo, serão 36 lições durante o ano, o que significa que veremos uma lição por semana. Também trabalharemos conceitos recorrentes para que sejam bem compreendidos, com graduação de dificuldades.

Bons estudos!

Lição 4

GUERRA SANTA: PARTE 1

As Cruzadas representam um dos capítulos mais marcantes da história medieval, um período de fervor religioso, expansão territorial e interações culturais complexas. Iniciadas no final do século XI, as Cruzadas foram uma série de campanhas militares empreendidas pelos cristãos europeus com o objetivo de reconquistar a Terra Santa, especialmente Jerusalém, e outras regiões do Oriente Médio, locais sagrados que haviam sido tomados e profanados pelos muçulmanos.

Contexto histórico

As relações entre os cristãos europeus e os muçulmanos no Oriente Médio eram complexas. A Terra Santa, que incluía Jerusalém e outros lugares considerados sagrados por cristãos, judeus e muçulmanos, havia sido controlada pelos muçulmanos desde o século VII. Apesar disso, peregrinações cristãs à região eram comuns, e os cristãos muitas vezes enfrentavam dificuldades e restrições.

Foi dentro desse contexto que **Pedro, o Eremita**, desempenhou um papel crucial na convocação das Cruzadas. Pedro era um clérigo francês conhecido por sua devoção religiosa e seu carisma. Ele alegadamente viajou à Terra Santa, testemunhando em primeira mão as dificuldades enfrentadas pelos peregrinos cristãos e a situação precária dos lugares sagrados.



SP COLLECTION / Alamy Stock Photo

Pedro, o Eremita, pregando as cruzadas.

Ao retornar à Europa, Pedro começou a pregar fervorosamente a ideia de libertar a Terra Santa do controle muçulmano. Suas palavras comoveram a Igreja, que por muitos anos cogitou tomar alguma providência, e sempre encontrou dificuldades em fazê-la. Assim, com



Concílio de Clermont

a sociedade europeia inflamada pelo desejo de reconquistar as terras de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Papa Urbano II convocou a primeira cruzada, em dezembro de 1095, no Concílio de Clermont, no qual estavam presentes muitas pessoas que bradavam “**Deus lo vult**”, que significa, *Deus o quer*.

O termo cruzados surgiu das vestes e tecidos estampados com a cruz de Cristo após a convocação da primeira cruzada. Nobres, cavaleiros, camponeses e trabalhadores diversos partiram rumo a Jerusalém com a intenção primária de reconquistar a Terra Santa e alcançar o perdão dos pecados cometidos em sua vida. Outros, porém, marcharam rumo a aventura, riquezas e poderes, culminando em campanhas desastrosas, como será explorado mais à frente. Dentre os principais nobres que participaram da primeira cruzada, podemos destacar:

Normandia/Bretanha

Roberto II da Normandia
Estêvão II de Blois
Hugo I de Vermandois
Roberto II de Flandres

França

Raimundo IV de Tolosa
Godofredo de Bulhão
Balduíno de Bolonha

Itália

Boemundo de Tarento
Tancredo

Cerco de Antioquia

Os exércitos cruzados começaram sua jornada partindo de diferentes pontos da Europa Ocidental, principalmente da França e do Sacro Império Romano-Germânico. Eles convergiram para Constantinopla, a capital do Império Bizantino, em 1096. A passagem pelos territórios bizantinos não foi isenta de conflitos, uma vez que as forças cruzadas e os bizantinos tinham objetivos diferentes e, às vezes, entravam em confrontos. Apesar das tensões, os cruzados conseguiram chegar à cidade e estabelecer alianças temporárias com os bizantinos.

Após deixar Constantinopla, os cruzados enfrentaram um dos trechos mais desafiadores de sua jornada: a travessia da Anatólia, uma vasta região da atual Turquia. Eles enfrentaram dificuldades de abastecimento, hostilidades dos habitantes locais e emboscadas por parte dos turcos seljúcidas, que controlavam grande parte da região. A travessia foi marcada por batalhas difíceis, escassez de recursos e perdas substanciais.

Após meses de viagem e adversidades, os cruzados finalmente chegaram a Antioquia, uma cidade importante e estratégica na região da Síria. Eles cercaram a cidade em outubro de 1097, iniciando um cerco que duraria vários meses. A cidade estava sob o domínio dos turcos seljúcidas, e o cerco foi um teste de resistência para os cruzados. Durante esse período, eles enfrentaram doenças, fome e ataques dos defensores da cidade.

Apesar das dificuldades, os cruzados conseguiram romper as defesas de Antioquia em junho de 1098, capturando a cidade. Na

mesma semana que conquistaram a cidade, aliados muçulmanos vindos do Egito chegaram a Antioquia, levando o exército cruzado, que estava fragilizado e reduzido, ao pânico e ao desânimo. Porém, segundo as crônicas medievais, algo haveria de acontecer:



Jean Colombe: Les Passages d'Oultremer/Commons

Cerco de Antioquia

Aprofundando...

A lança do destino

No momento de desespero e com o moral baixo do exército cruzado, um cavaleiro chamado **Pedro Bartolomeu** teria tido uma visão em que São André, um dos apóstolos de Jesus, teria indicado a localização de uma relíquia escondida dentro da cidade. A relíquia estava supostamente enterrada na igreja de São Pedro em Antioquia.

Quando a relíquia foi encontrada, teve um impacto profundo nos cruzados. A descoberta da relíquia, considerada tão significativa no contexto religioso, trouxe uma nova onda de inspiração e esperança. A relíquia encontrada foi a Lança de São Longinus (ou São Longuinho), soldado romano que atravessou com a lança o coração de Jesus. Esta relíquia renovou a crença dos cruzados em sua missão divina de retomar a Terra Santa. Eles interpretaram a descoberta como um sinal de que Deus estava ao seu lado e que eles estavam destinados a ter sucesso em sua busca.

Assim, a Lança do Destino serviu como um símbolo poderoso de motivação e unidade para os cruzados. Eles encontraram uma nova determinação para enfrentar os desafios e superar as adversidades que enfrentavam durante o cerco. A batalha contra o exército de Kérboga foi decisiva para a campanha, levando à morte 100.000 soldados muçulmanos, enquanto apenas 4.000 cruzados vieram a morrer.

A estrada final até a Terra Santa

Após a conquista de Antioquia, os cruzados enfrentaram a árdua jornada em direção a Jerusalém. Com o objetivo de consolidar sua presença na Terra Santa, eles tiveram de superar obstáculos naturais, desafios políticos e resistência muçulmana ao longo do caminho.

De Antioquia, os cruzados seguiram em direção ao sul, avançando pela costa do Mediterrâneo. Passaram por cidades como Trípoli e Tiro, muitas vezes enfrentando confrontos com as guarnições muçulmanas locais. A jornada era lenta e difícil devido ao terreno acidentado e à necessidade de abastecimento constante para as tropas.

Enquanto avançavam, os cruzados se depararam com a necessidade de estabelecer alianças com líderes locais. Algumas cidades capitularam sem resistência, permitindo que os cruzados passassem com relativa facilidade. No entanto, em outras ocasiões, encontraram cidades fortificadas que resistiam ao avanço, o que resultava em cercos prolongados e batalhas sangrentas.

Conquista de Jerusalém

Após uma jornada repleta de desafios desde a Europa até a Terra Santa, os cruzados se encontraram diante de Jerusalém, uma cidade bem fortificada sob controle muçulmano. No entanto, os cruzados não possuíam as armas de cerco tradicionais necessárias para sitiar e conquistar cidades tão bem protegidas.



Essa falta de equipamentos adequados para um cerco prolongado foi uma grande dificuldade enfrentada pelos cruzados. Eles não tinham catapultas, aríetes ou torres de cerco, elementos cruciais para derrubar as defesas das muralhas da cidade. A situação parecia desesperadora, e muitos cruzados começaram a questionar a viabilidade de continuar o cerco.

No entanto, a determinação dos cruzados levou a uma solução criativa e engenhosa. Durante a busca de recursos na região circundante, eles descobriram árvores apropriadas para a construção de torres de cerco improvisadas. Utilizando essas árvores, eles montaram três torres de cerco em diferentes pontos das muralhas da cidade. Essas torres de cerco improvisadas foram um ponto de virada crucial. Elas permitiram que os cruzados se aproximassem das muralhas, superando a desvantagem inicial de falta de equipamento de cerco. Essas torres proporcionaram um meio de atacar as muralhas e os defensores muçulmanos em níveis mais elevados, o que deu aos cruzados uma vantagem tática importante.



Émile Signol. Tomada de Jerusalém pelos Cruzados./Commons

Com as torres de cerco em posição, os cruzados lançaram um ataque coordenado em múltiplos pontos das muralhas de Jerusalém. O ataque em três frentes simultâneas pegou os defensores de surpresa, dividindo sua atenção e recursos. Esse ataque foi feroz e intensamente combatido, com ambos os lados lutando com grande determinação.

Após um esforço heroico e sangrento, os cruzados conseguiram romper as defesas de Jerusalém em 15 de julho de 1099. A cidade foi tomada de assalto, e os cruzados lançaram um ataque brutal contra a população muçulmana e judaica da cidade. A captura de Jerusalém foi um momento de triunfo para os cruzados.

Godofredo de Bulhões, um dos principais líderes cruzados, tinha a reputação de ser um cavaleiro valente e devoto, e sua liderança desempenhou um papel fundamental na captura de Jerusalém em 1099. Após a vitória, os cruzados consideraram a possibilidade de coroá-lo como o novo rei de Jerusalém.

No entanto, Godofredo se recusou a assumir o título de rei em uma cidade onde Cristo havia sido coroado de espinhos e, em vez disso, preferiu ser chamado de “Defensor do Santo Sepulcro”. Essa decisão refletia um profundo respeito pelo significado religioso e simbólico da cidade. Ele acreditava que nenhum ser humano deveria reivindicar um título superior ao de Cristo, cujo sofrimento e sacrifício eram centrais para a fé cristã.

Legado

Um dos legados mais impactantes da Primeira Cruzada foi a fundação dos Estados Cruzados no Oriente Médio. Esses estados cristãos estabelecidos na sequência da captura de Jerusalém desempenharam um papel crucial na história da região e na interação entre as culturas cristã e muçulmana.

A conquista de Jerusalém pelos cruzados resultou na criação de quatro principais Estados Cruzados:

- **Reino de Jerusalém:** o Reino de Jerusalém foi o mais proeminente dos Estados Cruzados. Sob o governo de Godofredo de Bulhões e seus sucessores, o reino abrangia partes do moderno Israel e da Palestina. A cidade de Jerusalém tornou-se sua capital e centro religioso. Os reis do Reino de Jerusalém enfrentaram desafios contínuos de Estados muçulmanos vizinhos, mas também estabeleceram alianças e cooperação em certos momentos.
- **Condado de Edessa:** fundado por Balduino de Boulogne, o Condado de Edessa estava localizado a nordeste do Reino de Jerusalém, abrangendo partes das atuais Turquia e Síria. Foi o primeiro Estado Cruzado a ser estabelecido e teve uma posição estratégica na fronteira com o Império Bizantino e os estados muçulmanos.
- **Principado de Antioquia:** o Principado de Antioquia foi estabelecido por Boemundo de Taranto e ocupava uma posição importante na costa do Mar Mediterrâneo, na região onde atualmente está a Turquia. Antioquia se tornou um centro de comércio e cultura, bem como uma base para as atividades cruzadas na região.
- **Condado de Trípoli:** o Condado de Trípoli foi fundado por Raimundo IV de Toulouse e abrangia partes da costa mediterrânea, incluindo a cidade de Trípoli, no atual Líbano. O condado estabeleceu relações comerciais e políticas com Bizâncio e outras potências locais.



Fonte: MapMaster - derivado de: Near East 1135 (Commons)

Esses Estados estabelecidos pelos cruzados tiveram um impacto duradouro na região. Eles introduziram elementos da cultura europeia e estilos arquitetônicos nas áreas conquistadas, influenciando a paisagem urbana e a vida cotidiana. Além disso, esses Estados Cruzados geraram uma interação cultural e comercial entre as comunidades cristãs, muçulmanas e judias, que moldaram as dinâmicas sociais da época.

Atividade

1. Qual foi o papel de Pedro, o Eremita, na convocação das Cruzadas? Como suas pregações influenciaram a mobilização dos cruzados?
2. Descreva o contexto histórico que antecedeu a Primeira Cruzada. Cite algumas das motivações que levaram os cristãos europeus a embarcar nessa empreitada.
3. Quais foram os principais Estados Cruzados fundados após a Primeira Cruzada? Como esses Estados cristãos contribuíram para a história e cultura da região do Oriente Médio?
4. Explique a importância da recusa de Godofredo de Bulhões em ser coroado rei de Jerusalém. Qual foi o significado simbólico dessa decisão?
5. Quais foram os principais desafios enfrentados pelos cruzados em sua jornada de Antioquia até Jerusalém? Como eles lidaram com esses desafios e o que isso revela sobre sua determinação?
6. Além dos aspectos militares e políticos, como a Primeira Cruzada influenciou as interações entre cristãos, muçulmanos e judeus na região?

Lição 8

BAIXA IDADE MÉDIA: EXPANSÃO

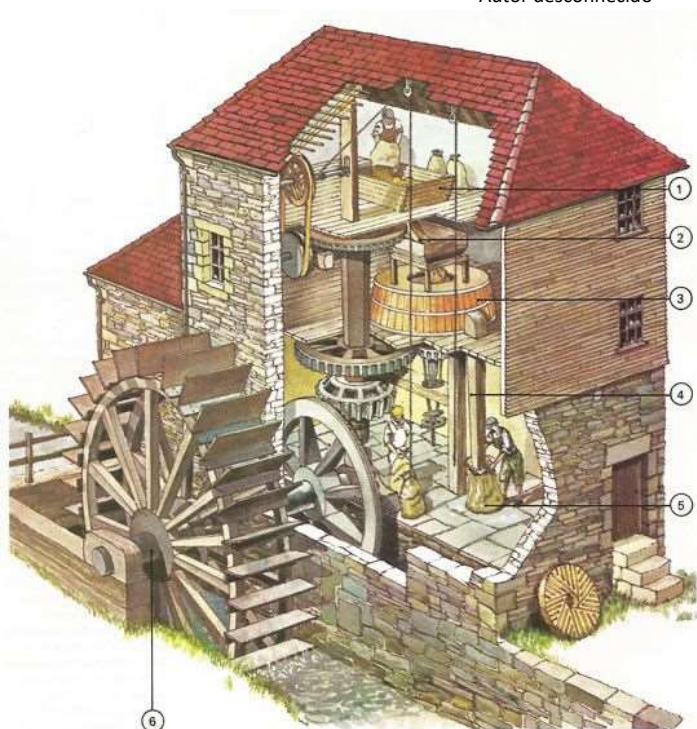
A transição da alta Idade Média para a baixa Idade Média na Europa foi acompanhada por uma série de mudanças tecnológicas significativas que tiveram um impacto profundo na sociedade, na economia e na cultura. Essas inovações desempenharam um papel crucial na transformação da vida cotidiana das pessoas e na transição de uma economia predominantemente agrária e feudal para uma economia mais diversificada e mais comercial.

Agricultura

Moinhos de água e vento

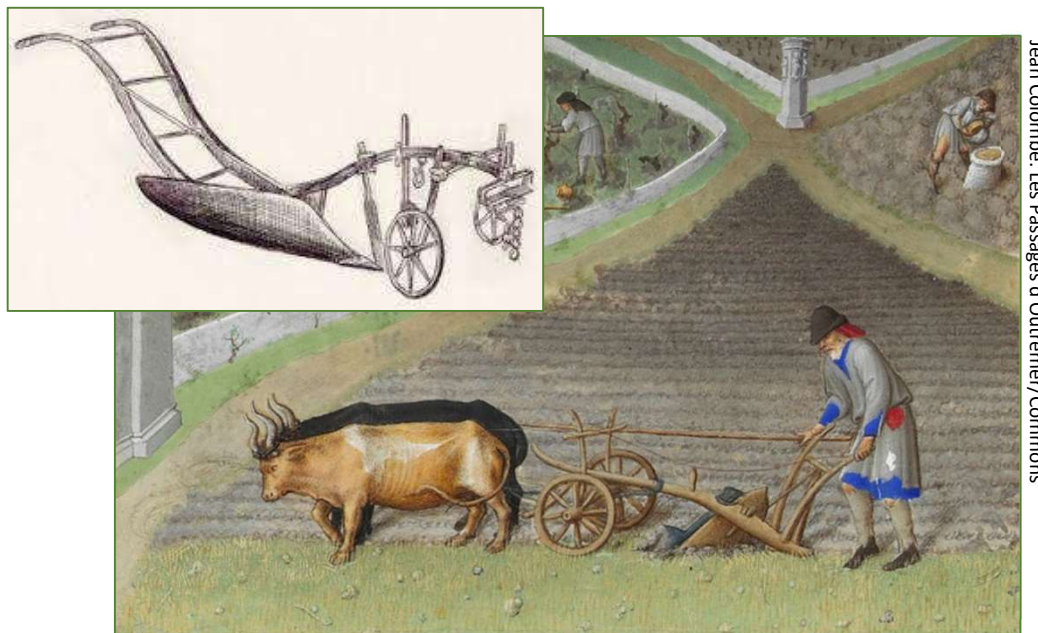
Na alta Idade Média, a moagem de grãos era uma tarefa trabalhosa realizada principalmente por moinhos manuais, nos quais os grãos eram triturados entre pedras de moagem. Esses moinhos eram limitados em termos de capacidade e eficiência. Durante a baixa Idade Média, houve uma disseminação significativa dos moinhos de água, que eram alimentados pela energia hidráulica de rios e riachos, e posteriormente dos moinhos de vento, que aproveitavam a força do vento.

Esses moinhos mecânicos eram muito mais eficientes do que os moinhos manuais, permitindo uma moagem mais rápida e mais consistente dos grãos. Como resultado, a produção de farinha aumentou substancialmente, o que, por sua vez, levou a uma disponibilidade maior de pão e produtos de panificação. Além disso, a economia de trabalho humano proporcionada pelos moinhos mecânicos liberou mão de obra para outras atividades econômicas, como a produção de artesanato e a expansão das cidades.



Arado de ferro

Durante a alta Idade Média, os arados de madeira eram comuns na agricultura europeia. No entanto, esses arados tinham suas limitações, uma vez que eram pesados e ineficazes para virar e preparar o solo para o cultivo. Na baixa Idade Média, houve uma transição gradual para o arado de ferro, que era mais leve, mais durável e mais eficiente.

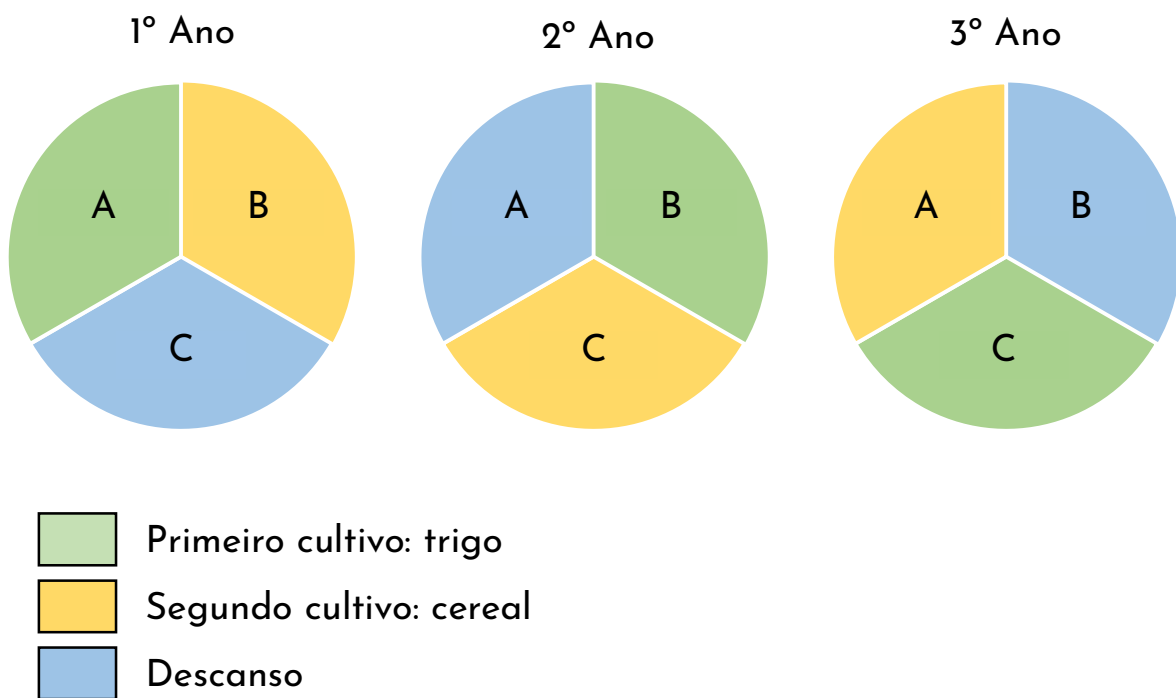


O arado de ferro permitiu que os agricultores arassem a terra de forma mais eficaz, tornando-a adequada para o cultivo de uma variedade maior de culturas. Isso resultou em uma expansão da agricultura e no aumento da produção de alimentos. Além disso, a possibilidade de cultivar terras anteriormente desconsideradas como marginais ou inadequadas para a agricultura contribuiu para o crescimento da população, uma característica marcante da baixa Idade Média.

Rotação de culturas

Durante a baixa Idade Média, a prática da rotação de culturas se tornou mais sofisticada e mais generalizada. A rotação de culturas envolve o cultivo alternado de diferentes tipos de plantações em um campo ao longo dos anos, em vez de plantar a mesma cultura repetidamente. Essa prática tinha vários benefícios, incluindo o aumento da fertilidade do solo, a redução da erosão e o controle de pragas.

Por exemplo, um ciclo típico de rotação de culturas poderia envolver o plantio de cereais, como trigo ou cevada, em um ano, seguido pelo cultivo de leguminosas, como feijão ou ervilhas, no ano seguinte. Isso não apenas preservava a qualidade do solo, mas também proporcionava uma dieta mais variada para a população. A rotação de culturas contribuiu para o aumento da produtividade agrícola e desempenhou um papel crucial na expansão da produção de alimentos durante a baixa Idade Média.



Surgimento das feiras

O desenvolvimento de novas técnicas na agricultura durante a baixa Idade Média desempenhou um papel fundamental no surgimento e na prosperidade das feiras na Europa. À medida que a agricultura se tornava mais eficiente, resultando em um excedente de produção agrícola, as feiras se tornaram locais vitais para a troca e o comércio de bens.



User11794265/Freepik

A Feira de Champagne, realizada na cidade de Troyes e posteriormente em outras cidades da região de Champagne, era uma das mais importantes da Europa medieval. Iniciada no século XII, esta feira era conhecida por atrair comerciantes de toda a Europa. Ela se destacava pelo comércio de produtos de luxo, como tecidos, joias e especiarias, além de produtos agrícolas e metais para armamentos de guerra. A Feira de Champagne desempenhou um papel crucial na expansão do comércio europeu e no desenvolvimento das finanças e da economia.

O renascimento do comércio impulsionou o aumento da produção artesanal, levando os artesãos a se organizar em **corporações de ofício**, também conhecidas como **guildas** ou **grêmios**. As corporações tinham como objetivo defender os interesses dos artesãos, regulamentar o exercício da profissão e controlar o fornecimento do produto.

Aprofundando...

A armadura de placas

A armadura de placas, uma das inovações mais marcantes da Idade Média, surgiu por volta do século XIII e atingiu seu auge de uso durante os séculos XIV e XV. Antes dessa época, as armaduras eram muito diferentes em termos de construção e proteção.

Antes do advento das armaduras de placas, as principais formas de proteção eram as cotas de malha e as armaduras feitas de couro. As cotas de malha eram compostas por milhares de pequenos anéis de metal entrelaçados, oferecendo certa proteção contra cortes e perfurações, mas eram relativamente pesadas e não proporcionavam proteção completa contra golpes contundentes. Já as armaduras de couro eram mais acessíveis, mas ofereciam uma proteção limitada e não eram eficazes contra armas de perfuração.

A armadura de placas representou uma mudança fundamental na proteção militar. Ela era composta por uma série de placas de metal articuladas que cobriam várias partes do corpo, incluindo peito, costas, braços e pernas. Essas placas eram interligadas por dobradiças e tiras de couro, permitindo uma mobilidade surpreendente em comparação com as armaduras anteriores. Essa inovação tecnológica não apenas melhorou a capacidade de proteção, mas também possibilitou uma maior agilidade no campo de batalha, tornando-se emblemática da cavalaria medieval e dos soldados de elite da época.



Liga Hanseática

A Liga Hanseática, frequentemente conhecida como “Hanse”, foi uma influente aliança comercial e política que se estendeu pela Europa setentrional e báltica durante a Idade Média e a Idade Moderna. Seu início remonta ao século XII, quando comerciantes de cidades portuárias do norte da Alemanha, como Lübeck e Hamburgo, se uniram para proteger suas rotas comerciais e seus interesses econômicos.



Fonte: Droysen/Andrée - Placa 28 do Professor G. Droysens Allgemeiner Historischer Handatlas, publicada por R. Andrée, 1886 (Commons)

Com o tempo, a Liga Hanseática expandiu-se significativamente, abrangendo cidades desde a Inglaterra e a Noruega até o norte da Polónia e o leste europeu. As cidades membros da Hanse, conhecidas como “Hansas”, eram unidas por uma estrutura comercial e política que promovia a cooperação e a defesa mútua.

O comércio era o cerne das atividades da Liga Hanseática. Ela lidava principalmente com mercadorias como grãos, peles, madeira, sal, peixes e produtos têxteis. Suas rotas comerciais abrangiam toda a região do Báltico e do Mar do Norte, bem como os rios da Europa Central. A Hanse também estabeleceu feitorias em várias cidades estrangeiras, como Londres, Novgorod e Bergen, para facilitar suas atividades comerciais.

A Liga Hanseática destacou-se pelo uso de navios mercantes avançados, como os “cogs”, que eram robustos e versáteis, ideais para transportar uma variedade de cargas. Além disso, a Hanse tinha suas próprias leis e tribunais para resolver disputas comerciais, fortalecendo a confiança entre seus membros.

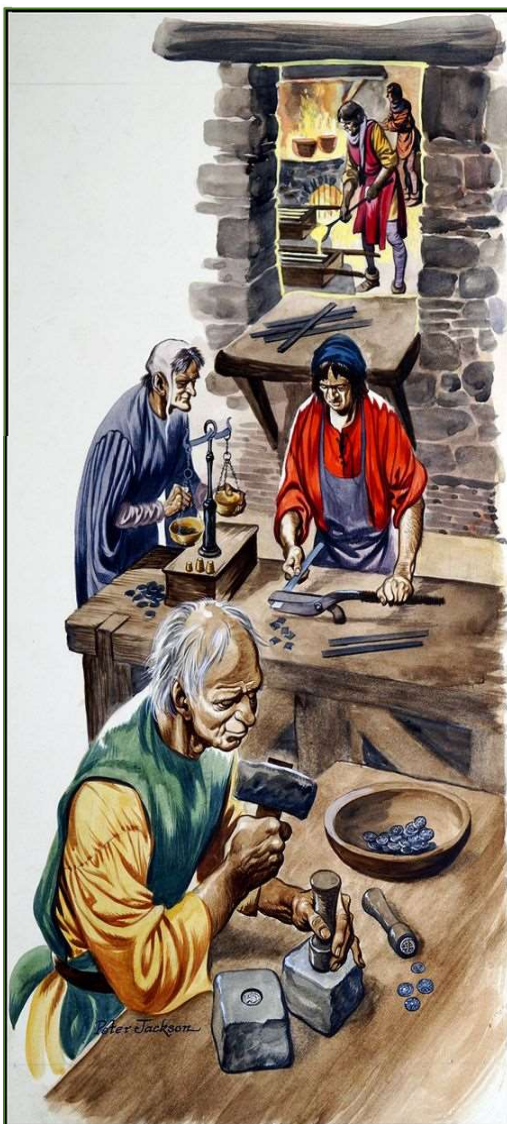
Atividade

1. Como as mudanças tecnológicas na agricultura, como a introdução de moinhos de água e vento, afetaram a produção de alimentos durante a transição da alta Idade Média para a baixa Idade Média?
2. Qual foi o papel do arado de ferro na transformação da agricultura na baixa Idade Média e como isso contribuiu para o crescimento da população?
3. Como a prática da rotação de culturas melhorou a produtividade agrícola e a qualidade do solo na baixa Idade Média?
4. Qual foi o impacto das feiras no comércio europeu durante esse período, e quais eram algumas das feiras mais importantes da Europa medieval?
5. Como a Liga Hanseática se desenvolveu e quais eram suas principais atividades comerciais e estratégias de comércio? Qual foi o legado deixado pela Hanse?

Lição 10

BURGUESIA

Peter Jackson/bridgemanimages



Na imagem acima, temos a representação de uma corporação de ofício metalúrgico. O trabalho na Idade Média era passado de pai para filho, e os cargos eram de aprendiz, oficial e mestre. Ter um negócio da família fazia com que a reputação dos serviços prestados sempre aumentasse

À medida que as rotas comerciais se expandiam e as cidades cresciam, uma classe de comerciantes e artesãos prosperava, buscando oportunidades para acumular riqueza. A Revolução Comercial, impulsionada pelo renascimento do comércio e pelo desenvolvimento das **corporações de ofício**, proporcionou às pessoas comuns a chance de ascender socialmente, adquirindo recursos e estabelecendo-se como uma classe econômica e social distinta. Essa crescente independência financeira tornou possível a ascensão da burguesia como uma classe que desafiaria as estruturas feudais e, finalmente, remodelaria o panorama político e econômico da Europa.



Quentin Matsys "El cambista y su mujer" 1514.

O cambista concentrado no seu trabalho e comércio, segura uma pequena balança e pesa cuidadosamente as moedas

Definição da burguesia

A burguesia, palavra derivada do termo francês “*bourgeoisie*”, refere-se a uma classe social que emergiu no final da Idade Média e início da Idade Moderna, aproximadamente entre os séculos XIII e XVII, na Europa. Ela era composta principalmente por **comerciantes, banqueiros, industriais e proprietários de empresas**, que se destacaram como uma classe intermediária entre a aristocracia feudal e a população camponesa. A definição da burguesia não se limita apenas à sua posição econômica, mas também envolve uma mentalidade caracterizada pela busca de lucro, ambição comercial e uma crescente influência política.



Marinus van Reyerswaele : Os cambistas

Formação dos burgos

A formação dos burgos, ou cidades medievais, desempenhou um papel fundamental no contexto do surgimento da burguesia. Durante a Idade Média, esses centros urbanos surgiram em toda a Europa como resultado de uma série de desenvolvimentos econômicos, sociais e políticos.

Os burgos eram frequentemente situados em locais estratégicos, como cruzamentos de rotas comerciais, rios navegáveis ou pontos de defesa. Eles cresceram como centros de comércio, nos quais mercadores e artesãos se estabeleciam para aproveitar as oportunidades econômicas. A concessão de privilégios urbanos, como a autonomia legal e a liberdade de comércio, atraía pessoas em busca de melhores condições de vida e oportunidades de negócios.



Autor desconhecido

Essas cidades medievais eram governadas por uma classe crescente de comerciantes e artesãos, muitos dos quais se tornariam os membros mais proeminentes da burguesia. À medida que as atividades econômicas floresciam, a riqueza desses burgueses crescia, e eles começavam a desafiar o poder da aristocracia feudal.

Surgimento do capitalismo

O capitalismo é um sistema econômico e político caracterizado pela **propriedade privada** dos meios de produção, pela **busca do lucro** e pela **livre concorrência** no mercado. Em seu núcleo, o capitalismo gira em torno da noção de que indivíduos e empresas privadas podem possuir, controlar e investir seus recursos em busca de lucro pessoal. Esses recursos incluem terras, fábricas, tecnologia, mão de obra e capital financeiro.

No sistema capitalista, a produção e a distribuição de bens e serviços são orientadas pelo mercado, onde a oferta e a demanda determinam os preços e as alocações de recursos. A competição entre empresas é incentivada, pois busca a eficiência e a inovação, mas também pode levar à concentração de poder econômico nas mãos de algumas poucas empresas, conhecidas como monopolistas ou oligopolistas.



Peter Jackson/bridgemanimages

Aprofundando...

Exortação Apostólica *Menti Nostrae* (1950)

Nenhuma incerteza contra o comunismo

114. Alguns existem que, em face da iniquidade do comunismo, que visa a destruir a fé naqueles mesmos a quem promete o bem-estar material, se mostram atemorizados e incertos; mas esta Sé Apostólica, em documentos recentes, indicou claramente qual o caminho que seguir e de que ninguém se poderá afastar, se não quiser faltar ao próprio dever.

Denunciar as consequências ruinosas do capitalismo

115. Outros, porém, se mostram tímidos e incertos quanto ao sistema econômico conhecido pelo nome de capitalismo, cujas graves consequências a Igreja não tem cessado de denunciar. A Igreja, de fato, não somente apontou os abusos do capital e do próprio direito de propriedade que o mesmo sistema promove e defende, mas tem igualmente ensinado que o capital e a propriedade devem ser instrumentos da

produção em proveito de toda a sociedade e meios de manutenção e de defesa da liberdade e da dignidade da pessoa humana. Os erros dos dois sistemas econômicos e as ruinosas consequências que deles derivam devem convencer a todos, e especialmente aos sacerdotes, a manter-se fiéis à doutrina social da Igreja e a difundir seu conhecimento e sua aplicação prática. Esta doutrina é, realmente, a única que pode remediar os males denunciados e tão dolorosamente difundidos: ela une e aperfeiçoa as exigências da justiça e os deveres da caridade, promove uma ordem social que não oprima os cidadãos e não os isole num egoísmo seco, mas a todos una na harmonia das relações e nos vínculos da solidariedade fraternal.

Atividade

1. Como a Revolução Comercial contribuiu para o surgimento da burguesia como uma classe econômica e social distinta na Europa medieval e moderna?
2. Qual é a definição da burguesia e como sua mentalidade influenciou seu papel na sociedade e na economia?
3. Quais foram os fatores que levaram à formação dos burgos e cidades medievais na Europa e como esses centros urbanos desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da burguesia?
4. Como a concessão de privilégios urbanos, como a autonomia legal e a liberdade de comércio, atraiu pessoas em busca de oportunidades de negócios e melhores condições de vida nas cidades medievais?
5. De que forma a ascensão da burguesia desafiou as estruturas feudais estabelecidas na Europa medieval e como ela remodelou o panorama político e econômico?

Lição 23

MERCANTILISMO E COLONIZAÇÃO

Mercantilismo é um conjunto de práticas econômicas desenvolvidas na Europa entre o século XV e XVIII. A doutrina mercantilista, como a doutrina renascentista e seu individualismo, se opunha à economia medieval e deu início ao capitalismo liberal. Não se apresenta como uma ciência, mas sim como um modo de resolver os problemas econômicos com independência de toda subordinação da moral, da política e da religião. O primeiro capitalista, que administrou seu dinheiro, que lançou dinheiro em circulação para encontrar mais dinheiro, abriu seu próprio negócio e se dedicou à busca do “lucro infinito”, foi o comerciante.

A harmonia social, tão difícil de alcançar, completamente medieval é desarticulada e cada organismo da sociedade começa a crescer individualmente. A política começa a desarticular-se da Igreja, e já não reconhece sua autoridade. A arte deixa de ser a expressão do cristianismo e sim a do homem. A economia também se destaca por sua participação na ordem social e assume a orientação de vida de certos homens, transformando-se em seu fim.

Parrott William - Vistas do Tribunal do Hotel Cluny Paris

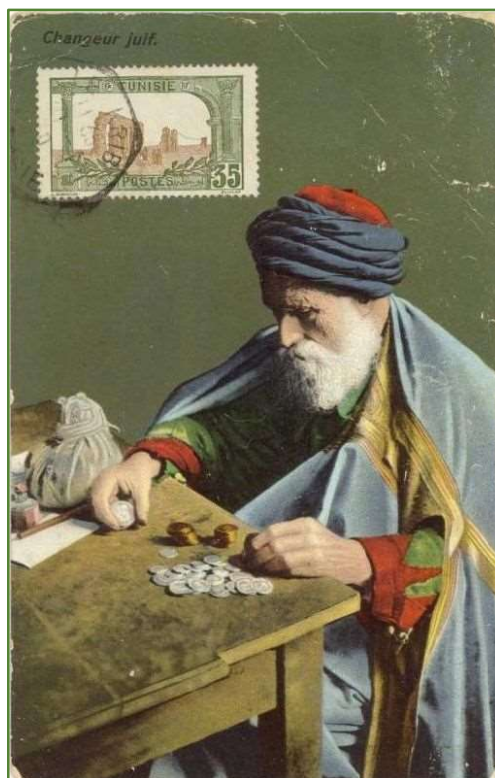


O capitalismo liberal

O século XIV testemunhou o surgimento deste primeiro capitalismo e viu crescer a prosperidade entre os mercadores e, ao mesmo tempo, os primeiros protestos sociais. Em todos eles arde o desejo de se libertar das “amarras” de uma ordem que constrange a individualidade e obriga a obedecer à dura lei do todo. Os grandes senhores se rebelam contra os reis, e os novos ricos das cidades comerciais contra os antigos senhores. A **monarquia nacional** crescerá em meio a essas brigas e será projetada como a única defesa dos interesses populares contra a anarquia dos poderosos.

O mercantilismo se desenvolve fora das **empresas locais**, uma vez que estas permanecem por muito tempo ainda sujeitas às regras meticulosas das corporações comerciais, enquanto o comércio em grande escala escapa de suas regras e se justifica pelos privilégios de um desenvolvimento avassalador. É a época dos grandes banqueiros florentinos: tanto os Peruzzi como os Bardi e os Medici espalharam suas redes econômicas por todos os países do Ocidente.

A ganância de dinheiro fazia com que comerciantes jogassem um jogo cheio de riscos para alcançar o poder e o lucro. Muitas dessas fortunas, adquiridas com demasiada rapidez e frequentemente por meios impuros, caíram muitas vezes em ruína e outras em condenação judicial. Mas ilustram de forma notável o desenvolvimento do capitalismo ... É evidente que na busca de riquezas, os novos ricos não se importam com a moralidade tradicional. A ruptura entre os ensinamentos da teologia e as novas práticas é definitiva. Impossível harmonizar a condenação da usura, a doutrina do preço justo, com o amor ao lucro, com a ganância e especulação financeira.



Autor desconhecido/Commons

Principais características mercantis

1) Acúmulo de riqueza (metalismo)

O principal objetivo do mercantilismo era a acumulação de riqueza, geralmente medida na forma de ouro e prata. Acreditava-se que a riqueza em **metais** preciosos era essencial para a prosperidade de um país, e, portanto, as nações buscavam aumentar suas reservas de ouro e prata por meio do comércio internacional.



Marinus van Reymerswaele : O cambista e sua esposa

2) Balança comercial favorável

Uma das ideias-chave do mercantilismo era manter uma balança comercial favorável, ou seja, **exportar mais do que importar**. Isso permitiria que um país acumulasse ouro e prata, fortalecendo sua posição financeira.

3) Colonialismo e exploração

Para garantir um suprimento constante de matérias-primas e mercados para seus produtos, as nações europeias estabeleceram colônias em diferentes partes do mundo. Essas colônias eram vistas como **fontes de recursos naturais** e mercados para os produtos manufaturados da metrópole. O mercantilismo levou a uma competição acirrada entre as potências coloniais europeias, que disputavam territórios e recursos em todo o mundo. Isso frequentemente resultava em conflitos, como as guerras coloniais.



Comerciantes vendendo produtos nos portos da Itália

4) Regulamentação do comércio

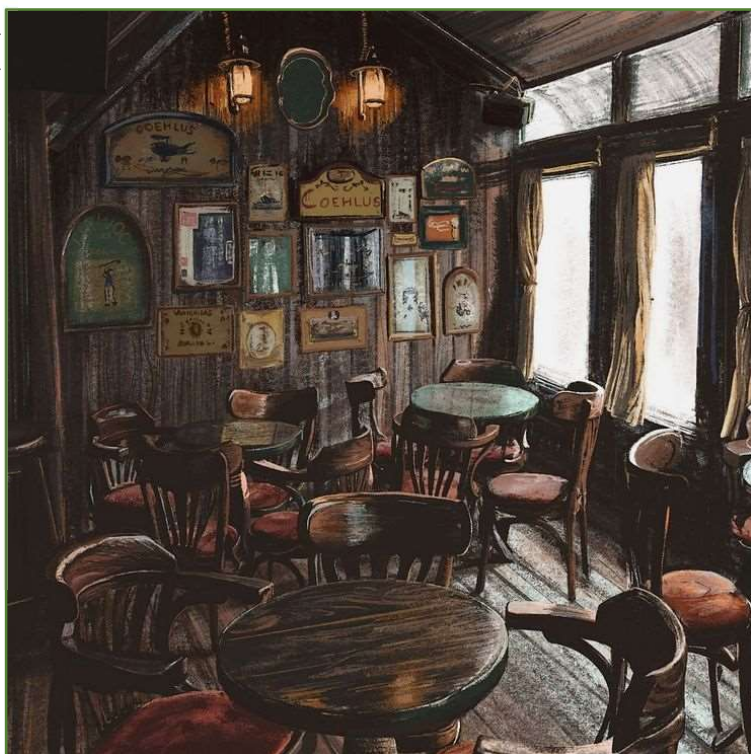
Os governos adotavam políticas de protecionismo, como tarifas e barreiras comerciais, para proteger as indústrias nacionais e promover a produção interna. Além disso, eles frequentemente estabeleciam monopólios estatais sobre certos produtos e controlavam a produção e distribuição.

Criação da Bolsa de Valores

A origem da Bolsa de Valores origina-se na Bélgica e na Holanda, principalmente com o expansionismo naval holandês, em 1602, pela Companhia Holandesa das Índias Orientais (VOC). A maior dificuldade para as grandes navegações naquela época era o financiamento dessas empreitadas. A fórmula mais comum era reunir banqueiros, levantar empréstimos ou pedir ao rei. Mas nem sempre funcionava, pois o risco de perder seus investimentos sempre foram altos – em 1598, dos 22 navios que a Holanda havia enviado, apenas 12 voltaram – índice alto de prejuízo.

A solução para conseguirem fundos que financiassem a viagem ao oriente foi conseguir não apenas dois grandes investidores, mas centenas, ou seja, cada um investiria pouco dinheiro. Se não voltassem todos os navios, ou poucos, a perda seria pequena. Se voltassem todos os navios, ou muitos, o lucro pessoal seria enorme. E assim surgiu a primeira megacorporação da história: a Companhia Holandesa das Índias Orientais.

Esse mercado de ações foi construído em Amsterdã, capital da Holanda, e lhe foi dado o nome de Bolsa. Neste local, o cidadão comprava e vendia seus títulos, ou ações, que são, nada



Os mercados de ações iniciais eram em bares, os famosos “pubs”

ações a preços inferiores aos que foram comprados, mas pelo menos não perdiam totalmente seu investimento. Quando uma pessoa via outras tantas vendendo suas ações, ela tinha duas opções: vender também suas ações, antes que se desvalorizassem muito, ou comprar as ações, pois agora estavam muito mais baratas e, se os navios retornassem, o lucro seria muito maior.

Temos três conclusões desta história:

1) A Bolsa surgiu por uma necessidade de capital para seus investimentos. O lucro obtido pela empresa (dividendos) é repassado para os seus financiadores, baseado na quantidade de ações adquiridas.

2) O mercado de ações é guiado mais pela psicologia do que pela economia, principalmente porque há mais compradores comuns, que não verificam com afincamento a realidade da empresa, do que analistas profissionais.

3) O mercado é cíclico, ou seja, sempre haverá momentos de alta e momentos de baixa nas ações.

mais nada menos, uma parte da empresa. A Companhia foi dividida em 1.143 partes. Cada ação desta empresa possuía um valor. Todas as ações juntas valiam, no valor atual em reais, R\$220.000.000,00 (duzentos e vinte milhões). Este era o valor de mercado da Companhia Holandesa.

O problema é que o valor de mercado de uma empresa sofre alterações constantes, desde o século XVI, devido à especulação financeira, ou seja, era só o navio demorar meses a mais para retornar que a especulação era de que os navios haviam afundado; com medo de perderem seu dinheiro, iam até a Bolsa e vendiam suas



Aprofundando...

As tulipas holandesas

No século XV e XVI, a economia holandesa passou por uma transformação marcante, impulsionada por diversos fatores, sendo um dos mais notáveis o comércio de tulipas. Embora hoje em dia a Holanda seja conhecida por sua economia diversificada, no período mencionado, as tulipas desempenharam um papel surpreendentemente significativo em sua prosperidade econômica.

As tulipas eram originalmente provenientes da Turquia, mas encontraram um solo fértil nos Países Baixos, devido ao clima favorável e à paixão dos holandeses por plantas exóticas. Durante o século XVI, as tulipas se tornaram um símbolo de *status* e riqueza na sociedade holandesa. As pessoas de todas as classes sociais desejavam essas flores magníficas, e isso levou ao rápido crescimento da demanda.

O comércio de tulipas começou de maneira informal e logo evoluiu para um mercado mais organizado. As tulipas raras e exóticas, muitas vezes chamadas “quebras” devido às características de suas pétalas quebradas, eram as mais valorizadas. As pessoas estavam dispostas a pagar somas exorbitantes por essas flores únicas.



user21908677/Freepik

Sistema colonial

Uma das principais consequências do mercantilismo foi a implantação do sistema de exploração colonial, que marcou a conquista e a colonização de toda a América Latina, além de regiões da Ásia e da África.

Na verdade, o sistema colonial desenvolveu-se como um desdobramento da política econômica do mercantilismo, que postulava o enriquecimento do Estado por meio das atividades comerciais. Através da exploração colonial, algumas nações europeias conseguiram realizar este objetivo.

Características básicas

O colonialismo, enquanto sistema de dominação, funcionou com as seguintes características básicas:

Produção complementar – a economia da colônia era organizada em função da metrópole. Ou seja, a colônia deveria complementar a produção ou satisfazer os interesses da metrópole. Jamais poderia desenvolver uma produção voltada para seus interesses internos. Assim, o sistema colonial mercantilista transformava a colônia num território exclusivo da metrópole, destinado à exploração.

Monopólio comercial – a metrópole tinha o direito exclusivo de realizar o comércio com a colônia. Com esse direito, a metrópole comprava os produtos da colônia pelo mais baixo preço e lhe vendia as mercadorias metropolitanas pelo mais alto preço. Esta ferramenta serviu para que a metrópole controlasse a vida econômica da colônia.

Tipos de colônias

COLÔNIA DE EXPLORAÇÃO	COLÔNIA DE POVOAMENTO
Produção agrícola baseada na grande propriedade (enormes extensões de terra)	Produção agrícola baseada na pequena propriedade
Destaque para a produção destinada ao mercado externo (produtos agrícolas ou metais nobres)	Desenvolvimento de uma produção manufatureira voltada para o mercado interno
Ênfase na utilização do trabalho escravo	Trabalho livre
Pacto colonial rígido	Laços coloniais mais brandos

Atividade

1. Qual é o principal objetivo do mercantilismo?
2. Como o mercantilismo influenciou a formação do capitalismo liberal?
3. Cite algumas das políticas adotadas pelos governos para alcançar uma balança comercial favorável durante o período mercantilista.
4. Qual foi o papel das colônias na estratégia mercantilista das nações europeias?
5. Como o surgimento do capitalismo e o desejo de acumular riqueza impactaram as relações sociais e políticas na Europa?
6. Quais foram os fatores que levaram à criação da Companhia Holandesa das Índias Orientais e como ela funcionava?



Não é cliente Aquinate?

Garanta seu desconto
na primeira compra!

Clique no **botão** e entre
em **contato** com um dos
representantes!

Garantir meu desconto